

# A PATERNIDADE NA PERSPECTIVA DE UM GRUPO DE PAIS\*

## THE PATERNITY IN ONE FATHER'S GROUP PERSPECTIVE

Jacó Fernando Schneider<sup>1</sup>

Ellika Trindade<sup>2</sup>

Ana Maria de A. Mello<sup>2</sup>

Miriam Lúcia Barreto<sup>2</sup>

### RESUMO

*Tendo em vista o silêncio ocidental que envolve a paternidade realizamos essa pesquisa com o intuito de apreender alguns aspectos relacionados com a mesma, como: papéis familiares, expectativas acerca do nascimento do filho e o papel social do pai. Para tanto, foram entrevistados 7 pais, com idades de 21 a 45 anos. Percebemos, através desse estudo, que a paternidade é vivida pelos pais entrevistados com preocupações em relação ao relacionamento pai-filho e sobre a educação dos filhos, além da busca constante de maneiras de vivenciar a paternidade como forma de estarem mais próximos dos filhos e da esposa.*

**UNITERMOS:** paternidade, família, papéis familiares.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos esse trabalho partimos da perspectiva que a paternidade, enquanto um dos aspectos do contexto familiar, aponta para a possibilidade do exercício da interdisciplinariedade.

A compreensão da paternidade, no nosso entendimento, envolve a reflexão de diferentes profissionais que podem, por intermédio de suas áreas, atuar juntos na busca de um entendimento acerca da família.

Para tanto, partimos da perspectiva de que as relações entre pais e filhos vinculam-se à reprodução da família em sentido amplo, englobando a reprodução biológica e social.

Como as atribuições de cunho biológico e social são genericamente atribuídas às mães de diferentes condições sociais e culturais – participação no processo reprodutivo, no aleitamento e na "maternagem" – o papel paterno nos cuidados com os filhos e com sua socialização é, na grande maioria dos casos, reduzido ou quase inexistente e nem sempre é levado em consideração nos estudos sobre família (Romanelli, 1995b).

Considerando-se a escassez de estudos sobre a paternidade, este estudo tem como proposta apreender algumas questões sobre os papéis familiares, particularmente, sobre o papel do genitor, como tentativa de compreendê-las na sua amplitude e complexidade, confrontando-as com alguns dados empíricos levantados em entrevistas realizadas com pais. Pois, conforme nos diz Parseval (1986, p.9) "a paternidade parece ser, realmente, terra incógnita dentro do campo coberto pelas ciências humanas".

Considerando fundamental uma abordagem transcultural e uma reflexão de natureza etnológica a respeito da paternidade, nos propusemos a conhecer os modelos "diferenciais" de comportamento, mostrando até que ponto as idéias elaboradas em relação a esse campo constituem um biombo ideológico que se sobrepõe à realidade fisiológica.

Nesse movimento, segundo Romanelli (1995a, p.79):

\* Trabalho desenvolvido, sob a orientação do Prof. Dr. Geraldo Romanelli, na Disciplina Dinâmica da Instituição Familiar, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo e apresentado no III SEMPOESTE, de 20 a 23 de outubro de 1997 na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

1 Enfermeiro, Mestre em Enfermagem Psiquiátrica, Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Doutorando do Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

2 Psicóloga, Mestranda do Programa de Mestrado em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

*"A emergência de modalidades de condutas alternativas no plano afetivo, entre o pai e seus filhos, não se distribui de modo uniforme entre famílias de diferentes camadas sociais. Como ocorre com a redefinição da divisão sexual do trabalho, a adoção de novas práticas afetivas tende a ser mais comum entre segmentos das camadas médias, portadores de escolarização superior e mais propensos à incorporação de formas alternativas de conduta nas relações domésticas".*

## 2 O JÁ DITO SOBRE PATERNIDADE

Muitos antropólogos e sociólogos já investigaram a presença, em todas as sociedades humanas, do núcleo constituído por dois indivíduos de sexo oposto e seus filhos, como resposta social a uma necessidade biológica decorrente da extrema dependência das crianças.

Como em toda investigação, uma série de perguntas aparecem, mas uma pergunta nos pareceu pertinente para introduzir "teorias" sobre a paternidade: a família nuclear é uma instituição universal? Em primeiro lugar, certos estudos invalidam a universalidade da família nuclear, embora saibamos que há, nas sociedades ocidentais, um predomínio da família nuclear. Romanelli (1995a), citando Bilac, afirma que 71% dos arranjos domésticos no Brasil correspondem à família nuclear.

Existem sociedades, como aquelas matrilineares descritas por Parseval, em que não cabe aos pais a responsabilidade de criar e educar os filhos. Os homens se incumbem da guerra, as mulheres têm relações sexuais com quantos amantes aparecerem, e os filhos ficam sendo de responsabilidade dos irmãos da mulher – pelo menos aos que estão livres de suas obrigações guerreiras. Nem o pai, nem a mãe biológica teriam influência sobre a educação de seus filhos, confiados aos tios uterinos (Parseval, 1986).

Essa relatividade dos papéis sexuais e parentais deveria chamar a atenção, não só de sociólogos e antropólogos, como também de enfermeiros, médicos, psicólogos, educadores, etc. A inversão da relação de autoridade entre o pai biológico e o tio uterino, conforme a regra de descendência matrilinear, também deveria ser mais considerada pelos especialistas, estudando aspectos antropológicos em outras sociedades, garantindo uma melhor reflexão sobre este assunto (Badinter, 1985).

O que queremos grifar, antes de apresentar as "teorias" da paternidade, e após nossas leituras sobre a parte que restou para o pai é que os conteúdos das regras sobre a proibição do incesto, os graus de parentesco proibidos variam com as sociedades. Essas definem as regras, pres-

crevem seu conteúdo e sancionam as infrações. Um parceiro proibido numa sociedade pode ser admitido em outra. A relação sexual que aqui é tabu é tolerada ou mesmo autorizada em outro lugar.

Assim, as variedades das regras de aliança matrimonial fornecem um repertório inesgotável ao relativismo, que apontamos acima, e parecem fundamentais em toda história da humanidade, como também neste final de século.

Procuramos fazer o mesmo exercício que a autora fez (Parseval, 1986), revisitando, rapidamente, alguns dicionários, básico e etimológico, à procura das palavras portuguesas (e não francesas) que se referem à paternidade, com a mesma semelhança (latina) de resultados abordados no trabalho da referida autora.

Nesse sentido, os cognatos que encontramos, autoriza pensarmos que o pai está afastado desse processo, desde a concepção ao parto. Senão vejamos: *paternalidade* é a qualidade de quem é pai, ou *paternidade* que aparece com a mesma definição, acrescido da qualidade de quem é o autor de alguma obra. *Paternalmente* é o modo de ser pai. Para *paternamente* a definição restringe a maneira de ser pai e finalmente, o cognato *paternal* que se aproxima a algo construído na relação de afeto entre pais e filhos, lembrando o carinho do pai. Nada que defina as ações de cuidado e de educação que um pai pode construir desde os primeiros dias com seu filho (Parseval, 1986).

Vejamos como a referida autora atribui os papéis do pai e da mãe na nossa sociedade, como também em outras, em momentos como concepção, gravidez, parto e pós parto, enfim naquilo que ela denominou de "teorias" da paternidade:

*"Entendemos por tarefas não apenas a divisão social e sexual do trabalho, da educação das crianças, etc. Pensamos que essa artificialidade, base de toda organização humana, justifica – também e principalmente – fenômenos que o sistema ideológico tende a apresentar como ainda mais naturais do que outros, tal como por exemplo a vivência que se supõe exclusivamente feminina da gravidez, parto (...)"* (Parseval, 1986, p.21).

Estudos de F. Loux, descrevem que na França rural era corrente outra teoria do parto. "O marido e o futuro pai tinha um papel ao mesmo tempo prático e simbólico, no momento do parto: envolvia o recém nascido na própria camisa e, envolvendo-o desse modo comunicava-lhe seu calor, seu cheiro... seu primeiro sinal de pertencimento social" (Parseval, 1986, p.27-8).

Na França da década de 70, Leboyer (1992), estudando outras sociedades, propõe o Parto Humanizado. Considera, em um dos seus pressu-

postos, a gravidez do casal, e no momento do parto, a participação do pai. O pai, assim, utiliza conhecimentos científicos e explicações fantasmáticas, durante a gravidez até o pós-parto.

Parseval (1986) quando trata dos fantasmas, mitos e realidades sobre a paternidade ocidental, afirma que toda sociedade cria interpretações culturais para determinar quem é o pai dos filhos de uma mulher. Na nossa, o que qualifica o pai é o casamento com uma mulher e os direitos e deveres sobre os filhos dessa mulher, já que pai é sempre "incertus".

Essa dúvida tem um valor de mito. Parte de uma negação, acarretando o que os sociólogos chamam de "mito da origem" (história da criação do mundo) de que a concepção cristã da paternidade é a maior ilustração desse mito. Nela há uma clivagem, uma negação justamente na figura do pai – os pais de Jesus, o celeste e o terreno, ausentes, assexuados (This, 1987).

Nesse movimento, o espaço doméstico centralizado na figura feminina tem imensa influência na determinação da formação da conduta e identidade de gênero, bem como nas representações sobre gênero.

Além disso, essa divisão de espaços e orientações, junto com dúvidas paternas, cria uma similaridade de fantasmas frente à procriação. Há uma supervalorização do útero em detrimento do reconhecimento do valor de um vetor masculino como acontece em outras culturas.

Para Parseval (1986), a mulher é avaliada como possuidora de uma tendência natural para a maternidade e, portanto, a relação dos filhos com a mãe é super-valorizada e enfatizada enquanto o pai é considerado distante dos filhos.

Daí advém, de um lado, a exigência e a expectativa social da presença constante da mãe, que deve estar junto de seus filhos e, de outro lado o pai, absorvido em seu trabalho, indiferente, isolado, sexualmente frustrado e depois do nascimento do filho, desamparado e desajustado.

Essa importância quase nula dada ao pai, cria um obstáculo à fantasmática paterna sobre a criança que vai nascer, entretanto é essa fantasmática que fundamentará o amor, o apego; portanto, o que se vê é que o pai é "impedido" culturalmente de se envolver com o seu filho desde a gravidez (Parseval, 1986).

Nesse momento, reportamo-nos à This (1987), que discutindo esta questão, enfatiza que, em nossa sociedade, se os pais tomarem a criança em seus braços ou em suas costas, se banharem, acalentarem, acariciarem, derem a mamadeira, se falarem à criança, lhe sorrirem, serão tratados de invertidos, não conforme "a índole do seu sexo". Se acompanharem a mulher na sala de parto no momento do nascimento: "voyeurismo"! Só teriam tido um propósito: despojar a

mulher de seu "direito à dor e ao grito"! Não seriam considerados mais do que um personagem falocrático e "falacioso", cheios de "ambivalência narcísica" e de "afã de paternidade-dominância"!

Essas idéias demonstram e reforçam a ausência do pai de maneira a enfatizar a presença da mãe nos cuidados com os filhos.

Em relação aos vetores da parentalidade, na conjugação maternidade/paternidade, Parseval (1986), afirma que os vetores biológicos masculinos e femininos, que são substâncias vistas como responsáveis ou pela formação do bebê durante a gestação ou após o parto, tais como o esperma do coito fecundante, as secreções da mãe durante o coito, o sangue do pai ou da mãe, o útero materno, a placenta, o esperma paterno durante a gravidez, o leite materno, o esperma paterno durante a amamentação têm sua importância ao longo do processo de formação do novo ser, elaboradas social e culturalmente. Nesse sentido, a divisão sexual biológica é abordada de modos diferentes, de acordo com a cultura e época. Essa divisão portanto é sempre simbólica, artificial, uma vez que é sempre uma interpretação de fatos biológicos. Nestas interpretações, ora o genitor masculino, ora o feminino, geralmente proeminente do lado feminino, participam da geração do novo ser.

Em relação à amamentação é possível perceber nitidamente duas visões: a primeira considera o leite sob aspecto unicamente biológico. O argumento usado nesta visão é imunitário, as mães são convidadas, ou até obrigadas dependendo da época, a amamentar. Aquelas que porventura não o fizerem são consideradas más mães. A segunda consiste em valorizar a contribuição simbólica do leite, como se a amamentação, tendo o leite como vetor, ligasse mais fortemente mãe e filho. As mães que não amamentam são culpabilizadas, não porque matam, como na primeira visão, mas porque rejeitam.

As duas visões rejeitam a participação do pai, a primeira, porque biologicamente o pai não possui leite e portanto não tem ligação com o filho, como a mãe, lhe faltando algo em sua paternidade, e a segunda, porque coloca o homem em posição de carência já que ele não possui o vetor (leite) que lhe permita estabelecer o vínculo "profundo", tal como faz a mãe.

Essa não possibilidade de participação do homem no período de amamentação faz com que muitos desenvolvam sinais, como por ex., iniciar a ingestão de leite ou bebida alcoólica quando até então não o faziam.

Em outras culturas o homem não é excluído do período da gestação. Ele até é excluído do período da amamentação, abstendo-se de relações sexuais, uma vez que leite e sêmen são



vistos muitas vezes como incompatíveis. Entretanto, há o equilíbrio na parte do homem e da mulher, ambos têm participação, seja em um ou outro momento do processo de formação e nascimento da criança. Já na sociedade atual o homem é excluído tanto da gestação, como do período da amamentação (Parseval, 1986).

Para a referida autora, nas sociedades em que tanto esperma como leite participam de alguma forma da formação do bebê, há o reconhecimento de que tanto pai como mãe participam da geração do bebê. A nível simbólico ambos têm um papel importante. Na nossa sociedade o esperma relevante é o do coito fecundante, abrindo-se depois um hiato na participação paterna em relação ao filho.

Nesse sentido, ao analisar os papéis familiares e paternidade em famílias de camadas médias, Romanelli (1995b), salienta a importância da construção cultural da paternidade. Os estudos a respeito da família, entre os quais se situam os da antropologia, demonstraram que a instituição doméstica possui um caráter cultural, apoiado em fundamentos biológicos relacionados à reprodução e ao aleitamento.

Isto é evidenciado nas diferentes formas como as culturas vêem a relação dos genitores com os filhos.

Devido ao fato biológico da gravidez, a interpretação cultural deste levou, na maioria das culturas, a mulher a ser a principal responsável pela "maternagem", ou seja, com os cuidados e com a responsabilidade pelos filhos.

No que diz respeito à família ela funda-se na criação de vínculos de aliança entre um homem e uma mulher, nos de descendência, que unem pais e filhos e nos de consangüinidade, estabelecidos entre irmão.

Enquanto a gravidez da mãe é um fato concreto, visível, que lhe confere grande participação na reprodução, o mesmo não ocorre com o genitor. Neste sentido as elaborações culturais para delimitar quem é o pai dos filhos de uma mulher, ou seja, quem é o "pater", independentemente de ser o genitor ou não, é uma preocupação constante das sociedades.

Além disso, é a partir do nome do pai que se delimitam os descendentes, e neste sentido a legitimidade ou, ao menos, a suposta legitimidade dos filhos é importante. Nessa perspectiva, um casal só constitui uma família quando deixam descendentes, sejam filhos biológicos ou sociais. Isso serve para mostrar que o coito fecundante, a dimensão biológica da reprodução não é suficiente para assegurar a formação de um novo ser, havendo diferentes formas, que são culturais, de fazer com que a participação dos genitores seja ativa também ao longo da gestação, ocorrendo o mesmo após o parto, onde há o envolvimento do pai em sociedades

primitivas por meio do "couvade" quando o "pater" deve seguir as prescrições de resguardo.

Mesmo assim, existe de maneira geral um privilégio da figura materna ou sua substituta tanto no que diz respeito às representações como em relação às práticas afetivas.

Podemos perceber na trajetória percorrida até aqui que, de um modo geral, a figura materna é mais considerada do que a paterna nas relações com os filhos. Na nossa sociedade as elaborações culturais da gravidez levam à existência do mito do amor materno (Badinter, 1985) em que a mulher é vista como doadora de afeto e única responsável pela "maternagem".

Romanelli (1995b) explicita essas idéias acerca do mito e busca analisar maneiras de se projetar além dele, enfocando que nas sociedades ocidentais encontramos idéias fortemente arraigadas de que o amor e o cuidado pelos filhos é basicamente uma responsabilidade feminina, enquanto que o homem deve ficar mais distante.

Nesse sentido, o autor discute como se dá a socialização das crianças em uma sociedade onde este mito se encontra presente. Chodorow (1979) e Gilligan (s/d) (apud Romanelli, 1995b) mostram que a identidade de gênero forma-se até aproximadamente os 3 anos de idade e é constituída pela relação que os filhos têm com a pessoa do sexo feminino, geralmente a mãe, responsável por seu cuidado. Nesta convivência o menino e a menina não apreendem modelos de homem e mulher, de pai e mãe. As mães geralmente sentem-se mais próximas das filhas e tendem a distanciarem-se mais dos filhos. Assim, o garoto vai ter a possibilidade de iniciar cedo seu processo de separação, o que já não ocorre com a menina, com quem a mãe estabeleceu uma relação de maior apego.

Ao longo desse processo, os homens terão dificuldades para viverem relacionamentos fundados na intimidade, enquanto as mulheres terão mais facilidade para estabelecerem este tipo de relação, mas maior dificuldade para viverem a separação.

Assim, em função do processo social de construção da identidade de gênero há aquisições diferentes por homens e mulheres no que se refere aos seus papéis. Este fato fortalece a idéia do mito do amor materno, sendo naturalizado um fato que na verdade é aprendido.

Enquanto as relações sociais femininas pautam-se na intimidade, a masculina exclui a mesma. Esta diferença, sem dúvida, vai refletir-se na vivência da paternidade por parte do homem (Romanelli, 1995b).

Ao lançar seu olhar para uma futurologia da parentalidade Parseval (1986) coloca o tema esterilidade como foco central. Prevendo os possí-

veis avanços com relação à esterilidade, o campo de conhecimento da veterinária vem mostrando as possibilidades oferecidas pelo congelamento de paletas de espermatozoides bovino, sendo possível, a partir disso, projetar-se com relação à espécie humana. Possivelmente, toda essa tecnologia médica da natalidade irá acarretar, com certeza, uma nova noção de paternidade e maternidade.

O homem, nesse sentido, terá que rever suas vivências, suas posições, suas idéias enquanto pai, algo que até algum tempo atrás não se fazia necessário, visto que, estes avanços vêm possibilitando e exigindo esse novo pensar sobre a paternidade.

Com esse intuito, na tentativa de nos aprofundarmos com relação à paternidade – como é vivida atualmente – com o respaldo do referencial teórico trabalhado, apresentaremos alguns dados empíricos da pesquisa realizada junto a pais de crianças que freqüentam creche.

### 3 O CAMINHO METODOLÓGICO

#### 3.1 Participantes do estudo

A pesquisa foi realizada a partir das informações fornecidas por 7 pais com idade entre 21 a 44 anos, com vínculo que varia de 1 a 22 anos com a Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto, São Paulo. Estes indivíduos tiveram seu primeiro filho com idade entre 20 e 43 anos, após 6 meses a 1 ano e 8 meses de casamento, estando estes filhos entre a faixa etária de 6 meses a 1 ano e 8 meses no momento da entrevista, com predomínio do sexo feminino entre os filhos dos pais pesquisados; 4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino.

A profissão destes pais está entre técnico administrativo, técnico de laboratório, biólogo, médico, engenheiro civil e fisioterapeuta, sendo predominante a escolaridade de nível superior.

A escolha dos entrevistados ocorreu entre os pais com filhos matriculados em uma creche mantida pela Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto, havendo somente o cuidado de selecionar pais que tivessem um filho, que estivessem cursando ou com nível superior de escolaridade e, com idade de até 45 anos, como forma de configurarmos esta população.

#### 3.3 Coleta de Dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, contendo elementos para a identificação e caracterização dos participantes, assim como 15 questões descritivas, abertas, sobre as vivências dos pais envolvidos.

Os depoimentos foram coletados por todos os integrantes da equipe, com o cuidado de se

observar requisitos de data, horário e local conveniente aos sujeitos, ocorrendo no período de junho de 1996.

Os discursos foram gravados de acordo com a permissão dos indivíduos e foram transcritos posteriormente na sua íntegra. Com o objetivo de mantermos sigilo sobre a identidade dos sujeitos entrevistados, identificamos com nomes que não são os seus.

#### 3.4 Análise dos dados

Para a análise, inicialmente procedemos à reunião, ordenação e descrição dos dados, posteriormente reunindo-os em 15 categorias de análise. A interpretação dos resultados foi subsidiada pelo referencial teórico utilizado no estudo com o respaldo da análise de conteúdo (Bardin, 1991).

### 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Tendo em vista que a população de pais entrevistados vive a experiência de terem seus filhos em creche, foi questionado aos mesmos, como é ter um filho em creche. Observamos que a maioria indica esta experiência como positiva, enfocando esta positividade como relevante ao considerarem que isto poderá contribuir para que os filhos fiquem mais independentes e sociáveis, nesta vida moderna que levam, como mostram estes depoimentos:

*"É muito bom, tanto para a formação dela como para a nossa vida também, pois para o tipo de vida que a gente pretende levar, nessa vida moderna, tanto a mãe (...) ou mesmo o filho podendo ficar muito dependente. Então, a creche vem dar este espaço para os pais não ficarem tão dependentes dos filhos (...) e, para a criança é fundamental para o desenvolvimento social dela..." (João).*

*"Isso é uma bênção, porque é muito mais fácil para a gente (...) as condições que a creche oferece eu acho que são excelentes, eu acho que as professoras, as pessoas que estão lá são muito carinhosas com ela" (Tomé).*

*"É positivo, sem dúvida, pelo fato de permitir a você poder retornar às suas atividades costumeiras (...) eu acho que a criança pode ter um benefício de tornar-se mais sociável (...) (Marcos).*

*"É muito tranquilo. Eu sempre falo para a R. que a creche funciona, nesse período em que ele está aqui, exatamente como a casa da gente (...) nós temos noção de que as pessoas que estão cuidando, são tão responsáveis quanto a gente. (Tiago).*

Um aspecto significativo é sentido quando estes pais falam sobre a paternidade, ao relatarem seus sentimentos com relação a gravidez de suas esposas, com relação ao que este período trouxe de melhorias ao relacionamento:

*"Fiquei radiante. No início me pegou de surpresa, mas eu sentia que estava na hora de ser pai" (André).*

*"Eu me senti bem com relação ao nosso relacionamento, melhorou bastante... E eu me senti bem também no sentido de ter um filho, porque eu queria, queria ter este filho" (João).*

*"Foi espanto inicial, mas depois foi gostoso... a gente começou a curtir à beça e começou a resolver tudo" (Mateus).*

*"(...) durante a gravidez, eu sentia preocupação, se ia dar tudo certo, a gente sempre tinha medo, com relação a saúde se estava tudo bem e com relação a criação da criança (...) tinha esta preocupação, se a gente ia dar conta" (Marcos).*

*"A gente não estava esperando imediatamente o filho (...) mas depois de pensado um pouco, nossa senhora, eu sempre quis ter um filho, fiquei muito contente... ela (a esposa) também queria ter um filho" (Pedro).*

O que acontece, segundo Romanelli (1995b) é que durante o período da gestação, a mulher biologicamente é reconhecida enquanto mãe, enquanto que o pai tem, ao menos na nossa sociedade, pouca ou nenhuma participação nesse processo. Já em outras culturas há diferentes formas de incluir a participação do homem na gestação e também após o parto. Atualmente, ao menos nas camadas médias de nossa sociedade, pode-se observar algumas mudanças em relação a este aspecto, o que podemos observar com relação a esta população de pais estudada.

Na nossa cultura o que ocorre com a participação do pai no processo gestacional? Segundo Parseval (1986) é vedado ao homem imaginar simbolicamente o bebê, sonhar com ele, sonhar que dá à luz. À mulher, ao contrário, é permitida participação ampla e é inclusive cobrada dela que suas reações sejam sempre positivas e amorosas em relação à gravidez. Entretanto, a autora cita que da mesma forma que muitos pais alimentam fantasias com relação ao bebê, o mesmo ocorre com a gestante e, nem sempre essas fantasias são positivas. Neste caso, homem e mulher são ludibriados à medida em que são impedidos de dar vazão às vivências de forma mais livre. Há um interposto social e cultural que os impede de realizá-lo.

Inquietos com estas questões, perguntamos aos pais entrevistados se os mesmos se sentiram "grávidos" durante o período gestacional de suas esposas e, percebemos algumas colocações muito ricas nesse sentido:

*"Eu... Eu acompanhei muito de perto, então eu, ao mesmo tempo eu me sentia quase que grávido" (Tiago).*

*"Acho que não, sou talvez racional demais (...) O nosso relacionamento no entanto, ficou mais bonito, eu estava mais sensível, sempre projetando nela os sentimentos, não comigo" (João).*

*"Eu que sentia enjôo, muita ânsia de vômito, foi até uma coisa muito engraçada (...) em vez de ser a minha esposa, eu que estava grávido (...) eu não sei como é que pode ter acontecido isso, mas aconteceu" (Mateus).*

*"(...) Isso é igual a uma ... o que o pessoal chama de uma carona numa viagem de ácido (...) você acaba criando um clima dentro da relação ... você toma cuidado com determinadas coisas, mas, pode ser isso que as pessoas confundem com ficar grávido" (Tomé).*

*"Tomamos todos os cuidados (...) A gente procurou só curtir, conforme a barriginha ia crescendo" (Pedro).*

Percebemos que há um imaginário tolhido, levando estes pais a não conseguirem entrar em contato com a experiência emocional da gravidez, levando à racionalização, à negação e à repressão de seus sentimentos. Suas sensações, suas emoções não são percebidas como importantes, mas isto é permitido à mulher. Isso é evidenciado nas entrevistas, onde somente dois dos pais entrevistados conseguem expressar essa questão de forma mais clara.

Ao relatarem o estado de suas companheiras durante a gravidez e a solicitação de suas presenças, observamos uma aproximação maior entre os casais durante este período:

*"(...) alguns enjôos no começo mas logo estabilizou e foi tudo muito bem, foi uma gravidez bem tranquila. Solicitava (presença) sim, nós nos aproximamos bastante nesse período (...) foi uma retomada do começo do nosso relacionamento (...) aproximou bastante, mais do que estava antes" (João).*

*"Passou bem durante a gravidez (...) foi tranquilo, sem problema nenhum. Não havia, assim, uma solicitação, porque os dois queriam ficar juntos" (Tomé).*

Ao falarem nas mudanças no corpo de suas esposas durante a gravidez, observamos que a



maioria dos entrevistados via como algo bonito, como um aspecto positivo:

*"Eu gostava de estar com ela, achava-a linda. Vê-la se transformar foi muito bom. Ela ficou linda!" (André).*

*"Eu via de forma positiva, achava bonito mesmo, achava interessante, achava um aspecto positivo" (Marcos).*

*"Tranquilo. Eu acho que todo o homem gosta de uma mulher grávida, mulher grávida fica bonita, fica bem" (Tomé).*

*"Por ser a mulher da gente eu achei super incrível, queria só curtir, ficava vendo, passando a mão" (Pedro).*

Os pais falam de sonhos, desejos e fantasias durante a gravidez, partilhando na maioria das vezes estas emoções com as suas companheiras:

*"Ah! é incrível pensar que agora você é responsável, não mais só por você" (André).*

*"Ela só tinha medo da criança nascer com problema físico (...) e, acho até que chegou a sonhar com isso (...) como a gente não planejava esta gravidez, talvez por isso eu não tivesse nenhuma programação futura sobre a criança, a gente não pensou" (Marcos).*

*"Acho que ao invés de uma fantasia eu tive mais uma preocupação em ter as coisas para dar para ele" (Pedro).*

Mesmo projetando-se em sonhos e fantasias, os laços de aliança são criados socialmente e do mesmo modo as relações entre pais e filhos possuem também um caráter social que se sobrepõe ao biológico reprodutivo. Mesmo o aspecto biológico varia dependendo do que se leva em conta, se o papel da mãe ou do pai na procriação (Romanelli, 1995b).

Ao relatarem sobre como fizeram para partilhar os cuidados com a criança com os outros afazeres, observa-se um crescente na participação dos pais nas tarefas antes dedicadas somente às mães:

*"Não tem nenhuma atividade que eu não faça com a criança, banho, alimentação, troca de fralda... tem diferença sim na quantidade, o tempo que passo com a criança" (Marcos).*

*"Chega a hora de dar papinha, dou a papinha que ela deixou encomendada (...) se precisar cuidar dele, trocar eu troco, até ela voltar da escola" (Mateus).*

Encontramos nas falas dos indivíduos questionados sobre como percebem hoje os papéis

do homem e da mulher e da esposa e do marido, alguns aspectos importantes sobre as suas práticas sociais e culturais:

*"Eu vejo que deve ser uma relação bem igual, em termos de não só a mulher ficar com as tarefas do lar ou o bebê prá criar (...) dentro do possível a gente procura fazer tudo junto, não tem aquilo que é da mulher e o que é do homem, dentro de sua especificidade" (João).*

*"(...) ela me cobra um marido mais perto, um marido mais participante (...) as vezes ela tem que fazer alguma coisa com meu filho que eu tenho que estar junto e, muitas vezes eu não posso participar porque tenho que fazer outras coisas" (Pedro).*

Ao falarem sobre o que o tornar-se pai trouxe de mudanças em suas vidas, os sujeitos colocam que até a sua visão de mundo, seu jeito de amar, suas preocupações, mudaram com este acontecimento:

*"O que muda é que você começa a se preocupar muito mais com a outra pessoa do que com você mesmo. (...) a visão de mundo muda totalmente, a gente olha as coisas de outra maneira" (João).*

*"(...) principalmente na preocupação nos cuidados com a criança (...) que nada ocorra na convivência dos três" (Marcos).*

*"Eu acho que traz um certo amadurecimento (...) você é obrigado a mudar sua atitude em relação a uma porção de coisas" (Tomé).*

Para esses indivíduos, observamos que alguns aspectos tornam-se positivos pelo fato de terem se tornado pais:

*"Me completou como ser humano (...) dá muita felicidade ser pai" (João).*

*"Foi ficar mais tranquilo na vida" (Mateus).*

*"O filho que eu tenho, acho que essa foi a minha grande conquista" (Pedro).*

E, afinal, é bom ser pai? Alguns relatos enriquecem esta questão:

*"É bom, aquela velha idéia que existe (...) uma perpetuação da própria pessoa, é algo meio tolo mas é um sentimento que existe" (Marcos).*

*"Não existe experiência igual a essa. Tem colegas que dizem que defender uma tese é semelhante, eu não acho... na tese você sente que é de muitos, suas idéias sempre tem uma história, seu filho tem a*

*história só da família. Eu vou dividir mais é com A." (André).*

*"Eu acho que tem sido bom, agora, eu acho que não existe uma resposta absoluta para isso, eu acho que você tem que ver o momento em que as coisas estão acontecendo" (Tomé).*

Ao falarem sobre a sua experiência de paternidade, os indivíduos entrevistados colocam como foi a sua relação com seus pais, como uma experiência às vezes boa, às vezes difícil:

*"Ele passava noites fora, não estava presente, então, foi difícil, a gente gostava dele mas ele não era muito presente, não demonstrava muita preocupação com os filhos" (Marcos).*

*"Foi uma relação boa até um certo tempo, depois ficou estremecida, por uma coisa que ele fez com minha mãe, que foi enganá-la" (Mateus).*

Ao compararem a sua relação com seus pais, projetam-se no futuro colocando aspectos que querem cultivar com seus filhos e aspectos que gostariam de superar e agirem de forma diferente:

*"O que está diferente é esta proximidade com o filho" (Mateus).*

*"(...) quero ter uma relação muito boa com meu filho, não deixar só nas mãos da mãe, quero ouvir, ter uma relação mais gostosa, com mais carinho" (Pedro).*

A maioria dos sujeitos considera que melhorou o tipo de relacionamento entre pai e filho, no seguinte sentido:

*"Eu acho que melhorou, pelo fato de eu reconhecer que existe algumas deficiências e de eu poder mudar estas deficiências, por exemplo o tempo (dedicado ao filho), que pode ser mudado" (Marcos).*

*"Há sim, muito melhor, não tenho a mínima dúvida (...) eu estou mais preocupado em criar uma pessoa... que tenha possibilidade de crescer intelectual e psicologicamente" (Tomé).*

*"Acho que essa é a grande diferença: a relação de proximidade que meu pai não teve com a gente" (Mateus).*

Para os pais entrevistados, para ser um bom pai e ser uma boa mãe faz-se necessário amar, ser amigo, ser companheiro, gostar de ter o filho, ter afeto por ele, como nos esclarecem estes discursos:

*"Um bom pai e uma boa mãe, seriam pessoas que dessem carinho e condições para que a pessoa pudesse desenvolver o potencial que ela tem" (Tomé).*

*"Depois de uma certa idade é ser o melhor amigo. Quando pequena é dar muito amor, muito carinho, porque é fundamental para a criança que ela se sinta amada, então é você conseguir transmitir isso, sem sufocar" (João).*

*"(...) dar carinho, proximidade, atenção, mesmo quando você está longe" (Mateus).*

*"É mostrar o sentido da vida corretamente, é estar próximo dando carinho, afeto, participando das coisas" (Pedro).*

Nesse sentido, reportamo-nos à Parseval (1986) para enfatizar que o homem, deverá trabalhar com sua construção reflexiva, no que diz respeito à determinação de sua paternidade, o que há algum tempo atrás, segundo a autora, não se fazia necessário, mas, os avanços sobre esta questão vêm possibilitando um novo pensar sobre a paternidade, o que já nos parece bastante visível entre a população de pais entrevistados para este estudo.

## 5 REFLEXÕES

Quando iniciamos a elaboração deste trabalho, tínhamos alguns questionamentos: se falamos do pai enquanto genitor, protetor durante a gravidez, do homem que pratica resguardo ou, do que se define em relação à gravidez ou durante o período após o nascimento do filho; se abordamos o pai enquanto marido da mãe ou do que cria os filhos e assegura-lhes o sustento ou, do que dá seu sobrenome ou seu nome ao filho.

Consideramos que falamos, tanto de um como de outro, pois procuramos manter um olhar não linear com relação à paternidade, observando suas generalidades. Para tanto, fez-se necessário lançarmos mão de um olhar respaldado na antropologia, considerando a cultura e a sociedade em que esta paternidade de que falamos se encontra.

Segundo nos coloca Parseval (1986), como já é esperado, se os pais de amanhã mudarem, uma nova evolução terá sido iniciada e estes pais serão reconhecidos como homens que partilham reações face aos filhos, reações que anteriormente eram reservadas à mãe – troca de fraldas, administração de mamadeiras, banhos – enquanto a mãe trabalha fora ou dedica-se juntamente com o pai aos cuidados e vivências do filho.

Os discursos aqui analisados permitem-nos perceber que a paternidade está sofrendo alterações em seu modo de ser experienciada. Os



discursos evidenciam um envolvimento afetivo, bem como a preocupação com a divisão de tarefas entre pai e mãe, de maneira a que ambos possam compartilhar do cuidado com o filho, como nos diz este depoimento: "(...) eu não passava roupa de jeito nenhum, minha mãe cuidava de tudo e agora, muitas vezes, quando ela (a esposa) está lavando eu estou passando" (Pedro).

Os discursos revelam também que a concepção de paternidade que os pais entrevistados possuem passa por uma análise da relação que tiveram com seus próprios pais: "(...) a semelhança talvez seja o tempo que você dedica à criança, a diferença talvez seja a preocupação, eu acho que me mantenho um pouco mais preocupado com o futuro e com o bem estar da minha filha" (Marcos). Vêm a atuação de seus pais como algo que pretendem ver modificado na relação com os filhos, ou seja, esperam poder viver a relação pai-filho de outra maneira.

Essas mudanças vivenciadas pelos pais, evidenciam que existem homens dispostos a percorrer a trilha da paternidade buscando caminhos que lhes possibilitem uma experiência mais rica, menos opressora, enfocando que para ser um bom pai é importante o exercício do companheirismo no convívio com o filho, como nos enriquece este discurso: "De forma bem geral, ser bom pai é ser companheiro, é deixar a criança crescer num ambiente natural, não ser artificial e gostar de ter, de ter a criança e de estar criando a criança, ser o mais natural possível" (Marcos).

Os pais entrevistados mostram em seus discursos que estão dispostos a viver o novo, a ter uma relação em que não se privem de viver a emoção de serem pais. E essa abertura pode ser uma possibilidade de homens e mulheres serem mais verdadeiros consigo e com os outros.

Nesse sentido, este trabalho possibilitou, a partir da perspectiva dos pais entrevistados, lançar luz às alterações que a família vem sofrendo, como por exemplo, uma maior proximidade afetiva dos pais com os filhos.

Assim, esse trabalho pode contribuir para diversas áreas, tais como, enfermagem, psicologia, medicina, serviço social, pedagogia, entre outras, que abordam a temática família e que buscam, na interdisciplinariedade, compreendê-la no contexto atual.

Parece-nos razoável destacar, como nos coloca Parseval (1986), que o par parental viverá bem ou mal os diversos artifícios empregados para ter um filho, conforme a dinâmica de sua economia psíquica: os que estão bem consigo mesmos e com o seu sexo poderão sem dúvida assumir a criança, como um projeto, como algo vindo deles.

Que o novo pai receba o seu filho em suas mãos, desde a saída do ventre materno, que o deposite delicadamente sobre o ventre daquela que acaba de trazê-lo ao mundo; que o pai o coloque na água do banho, para que respire e relaxe sob o olhar extasiado da mãe... Ébrio do prazer dessa primeira mamada, dormirá nos braços de sua mãe e no instante do beijo, será trinitificado pelo contato das cabeças reunidas: três cabeças felizes de estarem juntas (This, 1987).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BADINTER, E. *Um amor conquistado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- 2 BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- 3 LEBOYER, F. *Nascer sorrindo*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- 4 PARSEVAL, G. D. de *A parte do pai*. Porto Alegre: L & PM, 1986.
- 5 ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. do C. B. de (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995a.
- 6 ———. *Papéis familiares e paternidade em famílias de camadas médias*. Trabalho apresentado na XIX Reunião Anual da ANPOCS, 1995b. Mimeografado.
- 7 THIS, B. *O pai: ato de nascimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

Endereço do autor: Jacó Fernando Schneider  
Author's address: Rua Fortaleza, 3584 Bloco C5 Apt. 13  
Conjunto Residencial Cidade de Fóz  
85817-210 - Cascavel - PR

## ABSTRACT

*Looking upon occidental silence which involves the paternity, we performed this research with the intention to conceive some associated aspects: the family role, birth of son expectation and father social role. For that, 7 fathers have been interviewed with ages between 21 and 45 years. This study allowed us observed that the paternity of the interviewed fathers is experienced by the father-son relationship preoccupation, kids education and the constant search of ways to experience the paternity as a form to be near of the kids and the wife.*

**KEY WORDS:** *paternity, family, family role.*

---

**RESUMEN**

*Tiendo en vista el silencio occidental que envuelve la paternidad realizamos esta pesquisa con el objetivo de aprehender algunos aspectos relacionados con la misma, así como: papeles familiares, expectativas acerca del nacimiento del hijo y el papel social del padre. Para tanto, fueron entrevistados 7 padres, con edad de 21 a 45 años. Percibimos, al través del estudio, que la paternidad es vivida por los padres entrevistados con preocupaciones en relación al relacionamiento padre-hijo y con la educación de los hijos, además de la busca constante de maneras de vivenciar la paternidad como forma de hallarse más próximo de los hijos y de la esposa.*

**DESCRIPTORES:** paternidad, familia, papeles familiares.

---